

O Que é a Igreja?

R.C. Sproul

Questões Cruciais
No. 16

QUESTÕES CRUCIAIS
No. 16



O Que é a Igreja?

R.C. Sproul

FIEL Editora

O Que é a Igreja?

Traduzido do original em inglês

What is the Church? , por R. C. Sproul

Copyright © 2013 by R. C. Sproul

•

Publicado por Reformation Trust Publishing a division of Ligonier Ministries

400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2013 Editora FIEL.

1ª Edição em Português 2014

•

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS , SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES , SALVO EM BREVES CITAÇÕES , COM INDICAÇÃO DA FONTE .

•

Diretor: James Richard Denham III.

Editor: Tiago J. Santos Filho

Tradução: Mauricio Fonseca dos Santos Jr.

Revisão: Ingrid Rosane de Andrade Fonseca

Diagramação: Rubner Durais

Capa: Gearbox Studios

Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-269-8

FIEL Editora

Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

Sumário

Um – A Igreja é Una

Dois – Unidos na Verdade

Três – A Doutrina Divide

Quatro – Visível e Invisível

Cinco – A Igreja é Santa

Seis – A Igreja é Universal

Sete – Fundamentada nos Apóstolos

Oito – Servos do Senhor

Nove – As Marcas de uma Igreja Verdadeira

Capítulo Um

A Igreja é Una

N o capítulo dezessete do evangelho de João, Jesus oferece a oração mais extensa registrada no Novo Testamento. É uma oração de intercessão na qual ele orou por seus discípulos e por todos aqueles que haveriam de crer por meio do testemunho de seus discípulos. Essa oração é chamada de a *Oração Sacerdotal de Jesus* . Um dos temas centrais dessa oração é o pedido de Cristo ao Pai para que seu povo possa ser um. Era uma oração pela unidade cristã. Contudo, aqui estamos nós, no século vinte e um, e a igreja provavelmente se encontra mais fragmentada que em qualquer outro período da história da igreja. Temos visto uma crise com a pergunta: "O que é a igreja, afinal de contas?"

Historicamente, por meio do Concílio de Niceia da igreja primitiva, a igreja foi definida por quatro palavras-chave, a saber: 1) una, 2) santa, 3) católica, e 4) apostólica. Conforme estudarmos a natureza da igreja, desejo detalhar essas quatro categorias descritivas, visto que elas definem a natureza da igreja.

Em primeiro lugar, a igreja é una. Sério? Se pesquisarmos o cenário da cristandade dos dias de hoje, a última palavra que poderíamos usar para descrevê-la será *una* , ou *unificada* .

Como podemos compreender e responder à oração de Cristo pela unidade da igreja e à declaração da igreja primitiva de que a igreja é una? Tem havido diferentes abordagens para este tema ao longo da história. No século vinte ocorreu o que tem sido chamado de "o movimento ecumênico". Foi uma tentativa, por meio do Conselho Mundial de Igrejas e outras organizações, de se mover em direção à formação ou reforma de grupos denominacionais dissidentes em um único e centralizado corpo eclesiástico.

O objetivo maior do movimento ecumênico era a restauração da unidade da igreja visível. Uma das coisas que vimos como resultado deste impulso em direção à unidade foi um número crescente de fusões entre denominações anteriormente divididas. Infelizmente, o que geralmente ocorre quando duas igrejas ou denominações fazem uma fusão é que determinadas pessoas não concordam com essa junção e acabam abandonando a recém-formada organização para fundar uma nova que se alinhe com seus valores. Então, em seus esforços para diminuir o número de igrejas por meio da unificação, estes movimentos simplesmente criam ainda mais igrejas.

Além disso, outro problema surgiu. Foi o problema do pluralismo. Pluralismo é uma filosofia que permite a uma ampla diversidade de pontos de vista e doutrinas coexistirem dentro de um único corpo. Como surgiram tantas disputas doutrinárias dentro de algumas igrejas, eles tentaram manter a paz e a unidade ao mesmo tempo em que acomodavam as diferentes visões dentro da igreja. Foi uma tentativa de acomodar pontos de vista conflitantes.

Conforme a igreja se torna mais pluralista, o número de pontos de vista contraditórios tolerados aumenta. Por sua vez, a unidade estrutural e organizacional se torna a principal preocupação. As pessoas lutam para manter a unidade da igreja visível a todo custo. No entanto, sempre há um preço a ser pago por isso, e, historicamente, o preço tem sido a pureza confessional das igrejas.

Quando o movimento protestante começou nos séculos dezesseis e dezessete, foram criadas as confissões. Elas eram declarações do credo que estabeleciam as doutrinas subscritas e confessadas por aquelas igrejas em particular. Em sua maior parte, estes documentos confessionais resumiam os princípios centrais do que significa ser um cristão – coisas como a crença na Trindade, Cristo como uma pessoa com duas naturezas, e a ressurreição dos corpos. Por séculos, o protestantismo foi definido pelo conjunto de doutrinas confessado por cada organização. Mas em nossos dias, parte do impacto do movimento ecumênico tem sido a relativização dessas antigas confissões. Além disso, em algumas igrejas tenta-se alargar a base confessional nas linhas do pluralismo a fim de atingir a unidade da igreja visível.

Se você faz parte de uma igreja, por que você deve permanecer ali? Já por algum tempo, tenho percebido que as pessoas têm a tendência de trocar de denominação. A tendência é de ir para onde elas gostam do pastor, da pregação, da música ou de qualquer programa em particular. Muitas vezes, as pessoas se sentem confortáveis mudando de denominação em denominação ou de igreja local em igreja local. Infelizmente, raramente encontramos pessoas que prestam atenção no que a igreja acredita. Todavia, quando a igreja foi chamada à unidade no Novo Testamento, precisamos lembrar que o apóstolo Paulo falava de unidade nestes termos: um Senhor, uma fé e um batismo. Esta unidade não é algo meramente superficial em termos de ser uma organização unificada ou uma metodologia unificada, mas antes de tudo e mais importante, é uma confissão de fé unificada na pessoa e na obra de Cristo. Em segundo lugar, deve-se concordar com o conteúdo daquela confissão. Infelizmente, a unidade da igreja tem sido quebrada precisamente onde se esperaria encontrar unidade, a saber, unidade no evangelho apostólico.

Capítulo Dois

Unidos na Verdade

A té aqui já aprendemos que existem quatro qualificações principais para a igreja de Cristo: ela é una, santa, católica e apostólica. Consideramos a unicidade, ou unidade, da igreja, observando alguns dos problemas históricos que emergiram como resultado do movimento ecumênico. Este ecumenismo busca trazer o máximo possível de unidade visível, organizacional e institucional à igreja. Como consequência deste movimento, as igrejas acharam necessário alargar sua base teológica e confessional a fim de acomodar as divergentes teologias dentro da instituição. Isso é chamado de pluralismo.

Sempre houve certo nível de pluralismo dentro da cristandade ao longo da história. Na pós-graduação, tive uma aula chamada "A História da Heresia". Os alunos tinham que examinar algumas das controvérsias teológicas mais voláteis na história da igreja. Nós estudamos a heresia ebionita, a heresia docética e a heresia gnóstica. Também consideramos os famosos concílios da igreja, como Nicéia e Calcedônia. Esses concílios trataram de diferentes variedades de heresias relacionadas à cristologia. A igreja sempre teve que lidar com a heresia, e a igreja sempre fez uma distinção entre a heresia e o erro. Essa não é uma distinção de tipo, mas de grau. A igreja sempre foi atacada por erros ou, pelo menos, por alguns membros que estão em erro em seu pensamento e suas crenças. Mas quando um erro se torna tão sério que ameaça a própria vida da igreja e afeta os pontos essenciais da fé cristã, então a igreja precisa se levantar e dizer, "Isto não é no que cremos. Esta falsa crença é heresia e não pode ser tolerada dentro da igreja visível". Historicamente, é isso que aconteceu com os conflitos sobre teologia.

É importante compreender que há erros que podemos chamar de não-essenciais, ou seja, erros em que a salvação não está em jogo. Por muitos anos os cristãos têm debatido sobre a ministração correta do batismo. É por imersão, aspersão ou efusão? Mas há poucas pessoas na história cristã que argumentariam que um determinado tipo de batismo é essencial para a cristandade e para a salvação. Por outro lado, a maioria dos cristãos entende que toda a verdade é importante e que toda a obediência na vida cristã é importante. Embora discordemos em certas coisas, reconhecemos que estamos todos buscando agradar a Deus e obedecer às Escrituras. Ainda assim, algumas vezes simplesmente não podemos concordar.

Com respeito ao pecado em geral, a Bíblia fala de um amor que cobre uma multidão de pecados. Contudo, há tipos específicos de pecados que são tão odiosos que necessitam de disciplina na vida da igreja. Em muitos casos, há um julgamento formal que pode levar à remoção de uma pessoa da membresia da igreja.

No Novo Testamento, a excomunhão não é prescrita para cada pecado que as pessoas cometam. Ao invés disso, amor, paciência, tolerância e longanimidade precisam caracterizar o povo cristão. Nós fomos chamados para carregar as fraquezas uns dos outros de uma forma paciente e amorosa. Não devemos transformar cada diferença de opinião em um caso de disciplina na igreja.

Historicamente, a igreja reconhece que há diferenças que não são essenciais à salvação. Elas não afetam a *esse* (do latim, a essência, o ser ou a substância) da igreja. Há alguns temas que afetam a própria essência da cristandade, e estes são os temas que foram debatidos nas mais perturbadoras controvérsias de doutrina na história da igreja.

Mas há outro nível. Existem aqueles erros que não são necessariamente enganos com respeito à essência do cristianismo, mas que refletem o que podemos chamar de *bene esse* . *Bene* é simplesmente a palavra para "bem" em latim. Então, estamos fazendo uma distinção entre aqueles erros que afetam a própria essência da igreja (grandes heresias) e heresias menores que afetam o bem-estar da igreja.

A igreja sempre enfrentou dificuldades em descobrir como manter a unidade e a pureza. Meu grande temor nesta geração é que estamos vendo tomar forma um tipo de movimento ecumênico que busca neutralizar e relativizar a doutrina. Ele começa negociando uma verdade central como a deidade de Cristo ou a expiação de Cristo – tudo em nome da unidade visível.

A crise que a igreja está enfrentando atualmente é grandemente resultado do impacto do Iluminismo do século dezoito sobre a igreja e o advento do que foi chamado de liberalismo no século dezenove. No passado, ser um liberal significava simplesmente ser livre e aberto. Em si mesmo, o termo *liberal* descreve uma virtude. Mas quando se adiciona aquele sufixo *-ismo* no final, ele se refere a uma determinada escola teológica que teve influência massiva na igreja visível sobre as diversas linhas denominacionais. Ele começou com teólogos alemães atacando as dimensões sobrenaturais do cristianismo histórico e negando a validade dos milagres bíblicos. Eles tentaram reduzir a fé cristã a um código moral ou um sistema de valores. Eles deveriam ter abandonado suas igrejas ortodoxas e fundado uma religião completamente nova, porque é isso que eles estavam realmente fazendo.

Mas não foi isso que a vasta maioria dos liberais fez. Ao invés disso, eles buscaram manter suas posições na igreja visível ao capturar os seminários, escolas, conselhos e ministérios das maiores denominações. E nisso foram muito bem-sucedidos. Assim, no início do século vinte, houve uma luta catastrófica nos Estados Unidos que ficou conhecida como a Controvérsia Fundamentalista-Modernista.

As igrejas começaram a ser divididas entre liberais e conservadores, e entre evangélicos e modernistas. Em muitos casos, liberais e conservadores continuaram a coexistir dentro das grandes denominações, no que foi longe de ser uma coexistência pacífica. Desde então, muitas das denominações se dividiram de tal forma que as principais igrejas já não são mais o que costumavam ser, pelo menos em termos de tamanho e influência. O crescimento entre as igrejas evangélicas tem sido constante e ascendente, enquanto as igrejas

principais que foram capturadas pelo liberalismo enfrentam uma tendência à queda. Uma denominação perdeu mais de um milhão de membros em apenas duas ou três décadas.

Fico extasiado em ver quantas pessoas parecem ter pouco conhecimento da teologia característica do liberalismo do século dezenove. Ainda parece haver uma confiança pública em pastores que sequer creem na deidade de Cristo, na expiação de Cristo, ou no nascimento virginal de Cristo. Muitas pessoas ficam chocadas ao saber que em certas denominações, quase 80% dos pastores negam essas coisas. Elas perguntam, "Por que alguém seria um ministro e não creria nessas coisas?" E eu respondo que não há nada novo sobre isso. Nós temos tido este problema há um longo tempo.

Capítulo Três

A Doutrina Divide

Q uando eu era um menino, aprendi um ditado que tem me servido bem. É alguma coisa assim: "espécies ornitológicas de pluma igual ou similar tendem a habitualmente congregar na maior proximidade possível". Ou traduzindo, "aves de mesma plumagem voam juntas". Temos a tendência de desejarmos nos congregar com pessoas que têm valores e pontos de vista similares aos nossos. Na verdade, um dos escândalos do protestantismo é que muitas vezes a membresia na igreja não é definida por uma confissão de fé comum, mas sim por semelhanças socioeconômicas. Uma das coisas no passado que eu respeitava sobre a Igreja Católica Romana era que a igreja local era estabelecida por um conceito de paróquia. Nós não vemos uma primeira, segunda, terceira, quarta e quinta Igreja Católica Romana no mesmo quarteirão, como temos hoje a Primeira Igreja Batista e a Segunda Igreja Batista, ou a Primeira Igreja Presbiteriana, a Segunda Igreja Presbiteriana e a Terceira Igreja Presbiteriana.

A unidade do Novo Testamento é uma unidade de fé. A Igreja Católica Romana decidiu ter executivos, operários e pessoas de vários grupos étnicos na mesma congregação. Esta é uma prática maravilhosa, porque a igreja não deve ter como público-alvo um grupo demográfico específico. Toda a sociedade é chamada a participar do corpo de Cristo. Na comunidade do Novo Testamento não havia uma Igreja Batista em Éfeso, uma Igreja Presbiteriana em Éfeso e uma Igreja Luterana em Éfeso. Era simplesmente a igreja em Éfeso. Claro que em pequenas vilas e cidades muito pequenas talvez encontremos somente uma igreja, mas na maioria dos casos, vemos uma proliferação delas. Mas, novamente, a unidade da qual o Novo Testamento fala é uma unidade de fé, uma unidade em que as pessoas se unem por causa do comprometimento comum à verdade e ao evangelho. Em nossos dias, temos visto tentativas de encontrar unidade estritamente por meio das estruturas organizacionais visíveis. Outra forma na qual tentamos definir unidade é concentrar nossos esforços no que pode ser chamado de unidade espiritual.

Eu me lembro de que nos anos 1970, quando estava na Pensilvânia no Centro de Estudos Ligonier Valley, hospedamos um grupo de cristãos que havia vindo da França nos visitar. Era um grupo de cristãos carismáticos. Eles compartilharam sua experiência carismática conosco, mas provinham de uma ampla variedade de contextos eclesiásticos. Alguns eram luteranos, outros eram católicos romanos, enquanto outros eram pentecostais ou presbiterianos. Eles falaram com grande alegria e entusiasmo sobre a unidade que eles haviam experimentado como sendo um no Espírito.

Fiquei maravilhado com o óbvio senso de unidade deles e disse-lhes: "Como vocês foram capazes de superar algumas das sérias diferenças históricas entre vocês?" E eles responderam, "Bem, como o quê, por exemplo?" Então eu mencionei algumas delas. Foi a coisa errada a se fazer, porque em cinco minutos eles já estavam se estapeando por conta dessas coisas. Em outras palavras, eles foram capazes de manter uma unidade apenas enquanto mantiveram suas diferenças doutrinárias de lado. Você consegue sentir a tensão presente nisso? Por um lado, há algo de extremamente positivo sobre a comunhão e a unidade espiritual que eram reais. Mas há um sério perigo em tentar ignorar completamente as diferenças doutrinárias.

Essa parece ser a direção de nossa cultura atualmente. O axioma de nossos tempos é a afirmação "doutrina divide". É historicamente verdade – doutrina realmente tem a tendência de dividir as pessoas. Mas você já parou para pensar por que ela divide? Instituições liberais parecem alcançar um alto nível de tolerância para pontos de vista diferentes dos deles. Em contraste, os conservadores parecem lutar por muitas coisas.

Mas os liberais podem não ser assim tão tolerantes como alguém poderia pensar. Eles tendem a ser frouxos com a doutrina até que a discussão se volte para a doutrina conservadora. Então eles se tornam vociferadores contra ela. Aqueles que se orgulham de serem mente-aberta rapidamente se tornam mente-fechada. Creio que a razão básica porque as igrejas liberais são capazes de tolerar uma ampla variedade de doutrinas é porque a doutrina não importa muito para eles. Eles não se sentem apaixonados pelos conteúdos essenciais da fé cristã, enquanto no meio conservador as pessoas estão prontas para darem suas vidas pela verdade das Escrituras, pois elas entendem que essas coisas possuem significância eterna.

Para aqueles de persuasão liberal, o ambiente pode ser muito diversificado com relação aos dogmas das confissões de fé do cristianismo, pois isso simplesmente não importa para eles. Mas os credos importam sim para os crentes, pois eles se preocupam com o conteúdo da sua fé. Os crentes que estão tentando ser fiéis às Escrituras sabem que, em praticamente todas as páginas das epístolas do Novo Testamento, há uma exortação com respeito a guardar a verdade da fé que uma vez por todas foi entregue. Paulo está muito preocupado, conforme admoesta Timóteo, Tito e outros, em alertar a igreja sobre aqueles que buscam minar a verdade da fé apostólica por meio da falsa doutrina.

A maior acusação contra o liberalismo do século dezenove foi promovida pelo teólogo suíço Emil Brunner em sua obra clássica *Das Midler* , ou *O Mediador* . Em sua obra, ele tratou da cristologia desenvolvida pela teologia do século dezenove que resultou na negação da deidade de Cristo e seu sacrifício expiatório. Brunner disse que ele poderia definir a essência do liberalismo do século dezenove em apenas uma palavra, e a palavra era *unglaube* , ou incredulidade. Ele disse que o liberalismo do século dezenove era um monumento à incredulidade.

A controvérsia mais volátil na história da teologia foi a Reforma Protestante no século dezesseis. Essa controvérsia foi centrada em torno de duas questões principais: o que é o evangelho? E o que eu preciso fazer para ser salvo? Martinho Lutero enfrentou imensas dificuldades e a hostilidade de multidões conforme o furor da controvérsia se alastrava. Aproximando-se do fim da vida, Lutero

observou que a luz do evangelho havia raiado em seus dias e iluminado as trevas. Lembre-se do lema da Reforma: *Post tenebras lux* , ou seja, "Após as trevas, luz". Lutero disse que era inevitável que em pouco tempo a verdade do evangelho fosse mais uma vez escondida na obscuridade. A razão que ele deu foi a de que onde o evangelho é pregado, ele divide e gera controvérsia. As pessoas não querem viver em contínua controvérsia. Nós queremos paz.

A mensagem dos falsos profetas de Israel era uma mensagem de paz. Mas a sua paz era uma ilusão. Eles pregavam a paz quando não havia paz, ou aquilo que Lutero chamou de paz carnal. Lutero disse que quando o evangelho é pregado com paixão e precisão, ele não traz paz. Na verdade, nosso próprio Senhor disse, "Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada" (Mateus 10.34). Isso não significa que nós somos chamados a usar armas de combate militar para promover a extensão do reino. Nós devemos ser pacificadores. Devemos ser pessoas tolerantes, gentis e pacientes. Mas se você se atentar para o registro histórico, os verdadeiros profetas de Israel lutaram pela verdade, e a cada vez que o fizeram, a controvérsia surgiu.

Provavelmente nenhum ser humano engendrou tanta controvérsia quanto Jesus Cristo. As pessoas logo se voltavam a seu favor ou contra ele. O registro da igreja apostólica no livro de Atos é o registro de contínua e constante controvérsia. A controvérsia se focava na pregação do evangelho. A pregação do evangelho era de fato tão controversa que a religião instituída da comunidade judaica proibiu completamente os apóstolos de continuar pregando o evangelho porque ele era controverso e dividia as pessoas.

Em nossa geração, somos informados que a maior virtude de todas é a paz. Vivemos na era da bomba atômica. Já temos visto a disseminação das guerras. Estamos cansados de disputas, cansados de pessoas lutando e matando umas às outras. É pela graça de Deus que as igrejas não estão queimando pessoas numa estaca ou colocando-as na câmara de tortura como foi feito nos séculos passados. Nós aprendemos a coexistir com aquelas pessoas de quem discordamos. Nós valorizamos a paz. Mas temo que o perigo seja que valorizamos tanto a paz que estamos dispostos a obscurecer o próprio evangelho. Precisamos tomar cuidado ao falar de unidade quando realmente não a temos. Às vezes eu penso que cremos ter mais unidade do que de fato temos.

Historicamente, na época da Reforma, os protestantes não eram chamados apenas de protestantes, mas também de "evangélicos". Eles eram chamados de evangélicos porque abraçavam o *evangel* , o evangelho. Historicamente, embora os evangélicos do século dezesseis tenham iniciado diferentes denominações, havia ainda princípios fundamentais de unidade que os mantinham todos juntos. Os dois pontos principais da unidade no evangelicalismo histórico e clássico eram as duas *solas* chave da Reforma — *sola scriptura* e *sola fide* . *Sola scriptura* reflete o fato de que todos os diferentes grupos protestantes acreditavam na Bíblia como autoridade final para as matérias de fé e prática. Todos criam na inspiração e infalibilidade da Bíblia. Em segundo lugar, eles concordavam na questão principal do século dezesseis, a saber, a doutrina da justificação pela fé somente, ou seja, *sola fide* . No que quer que seja que eles diferissem (como nos sacramentos e outras doutrinas), ao menos eles tinham este vínculo que os mantinha unidos. Essa unidade durou por vários séculos.

Foi apenas em nosso tempo que vimos este grupo que se autodenomina evangélicos abandonar essas duas doutrinas. Até a última parte do século vinte, poderia se garantir que alguém que se chamasse de evangélico acreditava na Bíblia como Palavra de Deus, infalível, inspirada e inerrante. Hoje em dia já não podemos mais fazer essa afirmação. Aquela unidade foi destruída.

Na verdade, um historiador argumenta que o termo *evangélico* foi quase que completamente esvaziado de seu significado. Historicamente, ser um evangélico significava algo doutrinariamente falando. Isto é, a palavra havia sido definida em termos de uma confissão particular. Hoje em dia, ela tende a ser definida mais como uma metodologia do que uma teologia. E existe um mesmo tipo de pluralismo exuberante nos, assim chamados, círculos evangélicos de hoje o qual vimos no liberalismo histórico.

Tentar viver como um cristão, e, tanto quanto possível, ter "paz com todos os homens" (Romanos 12.18), é viver no fio da navalha. Realmente precisamos lutar arduamente para manter a paz. Contudo, ao mesmo tempo, somos chamados para sermos fiéis à verdade do evangelho e à pureza da igreja.

Capítulo Quatro

Visível e Invisível

V ocê já ouviu falar do termo a igreja invisível? A ideia da invisibilidade da igreja foi primeiramente desenvolvida em profundidade por Santo Agostinho. Ele fez uma distinção entre a igreja invisível e a igreja visível. Essa distinção de Agostinho tem sido frequentemente mal compreendida. O que ele quis dizer por igreja visível foi a igreja enquanto uma instituição que enxergamos visivelmente no mundo. Ela tem uma lista de membros em seu rol, e podemos identificá-los.

Antes de considerarmos a igreja invisível, deixe-me fazer uma pergunta: você precisa ir à igreja para ser um cristão? A frequência na igreja, se você for fisicamente capaz, é um requisito para ir ao céu? Em um sentido bastante técnico, a resposta é não. No entanto, devemos nos lembrar de algumas coisas. Cristo ordena que seu povo não abandone a comunhão na congregação (Hebreus 10.25). Quando Deus constituiu o povo de Israel, ele os organizou em uma nação visível e colocou sobre eles uma obrigação solene e sagrada de se congregarem na adoração pública diante dele. Se uma pessoa está em Cristo, ela é chamada a participar da *koinonia* — a comunhão com outros cristãos e a adoração a Deus de acordo com os preceitos de Cristo. Se uma pessoa sabe de todas essas coisas e, de vontade própria, com persistência, recusa-se a unir-se a elas, isso não levantaria sérias dúvidas sobre a realidade da conversão daquela pessoa? Talvez uma pessoa possa ser um novo cristão e tomar essa posição, mas acho muito improvável.

Alguns de nós podemos estar nos enganando em termos de nossa própria conversão. Podemos afirmar sermos cristãos, mas se amamos a Cristo, como podemos desprezar sua noiva? Como podemos, consistente e persistentemente, nos afastarmos daquilo ao qual ele nos chamou para nos unirmos — sua igreja visível? Eu ofereço uma advertência solene àqueles que estão fazendo isso. Você pode, na verdade, estar se enganando sobre o estado de sua alma.

Algumas vezes, a igreja invisível é erroneamente tomada como algo antitético à igreja visível, algo que está fora ou apartado dela. Agostinho não pensou nessas categorias. Agostinho disse que a igreja invisível é encontrada substancialmente dentro da igreja visível. Imagine dois círculos. No primeiro círculo está escrito "a igreja visível". Essa é a igreja exterior, humanamente percebida, a instituição como a conhecemos. A igreja invisível, como outro círculo, existe substancialmente dentro do círculo da igreja visível. Pode haver algumas poucas pessoas na igreja invisível que não são membros da igreja visível, mas elas são poucas e distantes entre si.

Por que Agostinho fala de uma igreja invisível? Ele o faz para ser fiel ao ensino de Jesus no Novo Testamento. Agostinho ensinou que a igreja é um *corpus permixtum* . O que isso significa? Nós sabemos o que *corpus* significa. É um corpo. *Corpus Christi* significa o quê? O corpo de Cristo. Corporação é uma organização de pessoas. *Corpus permixtum* significa que a igreja é um corpo misto.

Dentro dos limites físicos da igreja institucionalizada há pessoas que são verdadeiramente crentes, mas também há incrédulos dentro da igreja visível. Eles estão na igreja, mas não estão em Cristo porque fizeram uma falsa profissão de fé. Jesus disse de alguns de seus contemporâneos, "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim" (Mateus 15.8). Jesus reconheceu que havia pessoas dentro de Israel que não eram verdadeiros crentes. Paulo disse algo similar: "E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas" (Romanos 9.6). Esses judeus praticavam todos os rituais e eram parte da comunidade visível. Eles participavam de todas as atividades, mas ainda assim eram alheios e estranhos às coisas de Deus.

No Novo Testamento, a metáfora que Jesus usa a esse respeito é a metáfora do joio e do trigo. Joio é uma erva daninha. É uma metáfora simples naquele contexto de agricultura. A fim de obter a produtividade máxima de uma lavoura, é preciso acabar com o joio porque ele parece crescer mais facilmente que a produção.

Jesus usa essa metáfora para dar uma advertência à igreja de que, por um lado, a igreja deve se engajar na disciplina, de forma que as ervas daninhas que ameaçam destruir a pureza da igreja sejam removidas. Ele também nos manda tomar muito cuidado ao exercer a disciplina na igreja, para que, em nosso zelo em purificar a igreja, não arranquemos o trigo junto do joio.

Deus sonda os corações, e o que sempre permanece invisível para mim é a alma de outra pessoa. Eu posso ouvir sua confissão de fé. Posso observar sua vida. Mas não sei o que se passa nos átrios mais profundos do seu coração. Não posso ver sua alma. Não posso ler sua mente. Mas Deus pode ler sua mente, e Deus sabe exatamente qual o estado de sua alma em qualquer dado momento. O que permanece invisível para mim é visível para Deus. Esta é uma distinção com relação à nossa percepção limitada.

Quem está na igreja invisível? De acordo com Agostinho, todos aqueles que são crentes verdadeiros. E ele se referia, claramente, aos eleitos, porque todos os eleitos, de acordo com Agostinho, chegam à fé verdadeira no final. E todos aqueles que chegam à fé verdadeira foram contados entre os eleitos. Então, quando ele falava da igreja invisível, ele estava falando sobre os eleitos, aqueles que verdadeiramente estão em Cristo e são verdadeiros filhos de Deus.

João Calvino disse que não devemos pensar na igreja invisível como algo imaginário ou de uma dimensão paralela. Seguindo o pensamento de Agostinho, Calvino insistiu que a igreja invisível existe substancialmente dentro da igreja visível. Ele disse que a principal tarefa da igreja invisível é tornar a igreja invisível visível.

O que ele quis dizer com isso? Calvino estava se referindo à ascensão de Jesus e à última pergunta que os discípulos lhe fizeram antes de ele deixar este mundo: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel"? Jesus disse: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e

sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (Atos 1.7–8).

Essa afirmação feita por Jesus é frequentemente confundida por causa de nosso jargão cristão. Se alguém pergunta a um cristão, "O que significa testemunhar?" a resposta mais comum é "falar de Cristo para alguém". Isso não é inteiramente falso. Há um sentido em que o evangelismo é uma forma de testemunho. Mas não é a única forma. O propósito de testemunhar é tornar manifesto algo que estava escondido. Calvino disse que é tarefa da igreja tornar visível o reino invisível. Nós fazemos isso, em primeiro lugar, pela proclamação do evangelho — por evangelismo. Mas também podemos fazê-lo modelando o reino de Deus, demonstrando justiça no mundo, demonstrando misericórdia para o mundo, e mostrando ao mundo como deve ser o reino de Deus. Isso significa que a igreja deve personificar e encarnar a vida do Espírito de Deus em tudo quanto ela fizer, para que suas boas obras não estejam escondidas sob o alqueire, mas claramente à vista. Devemos dar testemunho da presença de Cristo e do seu reino para o mundo.

Existe um perigo quando utilizamos os termos *visível* e *invisível* . Algumas pessoas pensam que se elas estão na igreja invisível, isso significa que elas podem ser como agentes secretos cristãos. Mas nós sabemos que o mandamento do Novo Testamento é para que demos testemunho de Cristo, mostremos adiante a luz do evangelho e tornemos seu reino visível. E é isso que a igreja deve fazer.

A igreja em qualquer ambiente, qualquer localidade, quaisquer gerações sempre é mais ou menos visível e mais ou menos autêntica. Mas mesmo igrejas podem perder sua lamparina e deixar de ser igreja. Igrejas podem se tornar apóstatas. Denominações podem se tornar apóstatas. Congregações inteiras podem abandonar a igreja invisível e não mais ser uma igreja verdadeira.

Você é um membro da igreja invisível? A igreja invisível é uma igreja que sempre desfruta de unidade porque verdadeiramente somos um em Cristo. O ponto de unificação da igreja invisível, aquilo que unifica e transcende as barreiras de igreja e linhas denominacionais, é o nosso enxerto em Cristo. Todos que estão em Cristo e todos em quem Cristo está são membros de sua igreja invisível. Aquela unidade já está presente, e nada pode destruí-la. Isso não significa que podemos descansar nisto. Não podemos simplesmente nos satisfazer com a unidade da igreja invisível. Ainda deveríamos estar trabalhando o máximo possível para uma verdadeira unidade da igreja visível.

Capítulo Cinco

A Igreja é Santa

O Credo Niceno afirma: "Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica". Voltamo-nos agora para o atributo da santidade no que diz respeito à igreja. Foi dito no passado que a igreja é a instituição mais corrupta no mundo. Essa pode parecer uma afirmação distorcida e exagerada, mas pode ser verdadeira, dependendo de como avaliamos corrupção. No primeiro caso, se simplesmente olharmos ao mal bruto, então obviamente coisas como o crime organizado e os neonazistas podem ser considerados muito mais corruptos. Mas, se olharmos para a bondade e o mal em termos de uma escala de responsabilidade moral, então, sim, a igreja é a mais corrupta das instituições. Jesus disse, "Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido" (Lucas 12.48). Se aplicarmos esse padrão à igreja, então poderíamos dizer que, de todas as instituições, ela é a que tem recebido os maiores benefícios da graça divina. À luz dos múltiplos benefícios e dons da graça que temos recebido como igreja e do correspondente alto nível de responsabilidade ligado a isso, poderíamos dizer, relativamente falando, que a igreja é corrupta enquanto falha em atender o nível de responsabilidade para o qual foi chamada.

Para algumas pessoas parece até engraçado que, no Novo Testamento, Paulo frequentemente se refira aos crentes como "santos". Por exemplo, ele endereçou suas epístolas aos santos que estavam em Corinto ou aos santos que estavam em Éfeso. A palavra que é traduzida como santos é a palavra *hagioi* , que significa "os que são santos". O Espírito Santo é chamado santo com essa mesma palavra grega.

Em que sentido os membros do corpo de Cristo são chamados santos – os *hagioi* ? Precisamos observar as diversas formas nas quais as pessoas podem ser legitimamente chamadas de santas. Começa com um entendimento da vocação da igreja. Uma vocação, claro, é um chamado. Essa palavra quase desapareceu de nosso vocabulário cotidiano. As pessoas hoje em dia falam de seus empregos e de suas carreiras, mas antigamente todos nós compreendíamos que tínhamos uma vocação. Uma vocação significava um chamado de Deus para se engajar em alguma realização específica. Considerava-se o chamado para ser um cirurgião, um fazendeiro ou uma dona de casa como uma responsabilidade dada por Deus de acordo com seus dons.

Toda a ideia de vocação está arraigada à palavra bíblica para igreja. No Novo Testamento, a palavra grega que geralmente é traduzida como *igreja* é *ekklesia* . A palavra *eclesiástico* vem desse termo grego. Se olharmos para essa palavra analisando suas partes, veremos que *ekklesia* contém um prefixo e uma raiz. Você não precisa estudar grego para entender isso, pois o prefixo *ek* , vem de *ex* , que significa "à partir de" ou "fora de". Além disso, a raiz primária dessa palavra vem da palavra grega *kaleō* , que significa "chamar". É muito parecida com a palavra *chamar* em inglês, *call* . Se observarmos o significado da raiz do termo *ekklesia* nas Escrituras, veremos que, etimologicamente, significa algo que foi chamado para fora de outra coisa.

A razão pela qual a igreja é chamada de *ekklesia* é que a igreja é o grupo de pessoas que foram chamadas para fora deste mundo por Deus. Após o nascimento de Jesus, houve uma tentativa da parte de Herodes de matar as crianças e destruir o rei que havia nascido. O anjo do Senhor alertou José em um sonho para que fugisse daquela terra, e eles foram ao Egito. Após a morte de Herodes, foi revelado a José que era seguro retornar à Palestina e, dessa forma, somos informados que as Escrituras se cumpriram: "Do Egito chamei o meu filho" (Mateus 2.15), referindo-se a um último dia, com o cumprimento cabal do que Deus originalmente havia feito no Êxodo. Lá ele havia chamado Israel da escravidão no Egito e adotado a nação de Israel como seu filho. Em um sentido verdadeiro, essa vocação da igreja começa com esse chamado de Deus, quando ele redimiu uma nação da escravidão no Egito. Mas vai ainda mais além. O cristão e a igreja, tanto Israel no Antigo Testamento quanto a igreja no Novo Testamento, não foram meramente chamados para fora do Egito por Deus, mas eles foram chamados para fora deste mundo. Não no sentido de que eles deixariam o planeta, mas de que esse chamado era um chamado para a santidade. Nós nos lembramos de que quando Deus formou Israel, ele lhes disse: "Eu sou o SENHOR, vosso Deus; portanto, vós vos consagrareis e sereis santos, porque eu sou santo" (Levítico 11.44). Muito antes de Paulo escrever suas epístolas aos santos em Éfeso, Corinto ou Tessalônica, a ideia de que a igreja era um povo que havia sido chamado para a santidade por Deus já estava profunda e firmemente estabelecida no Antigo Testamento.

A própria palavra *santo* significa ser diferente ou separado. Quando alguém é separado, a pessoa é separada de algo que é habitual ou comum e direcionada para alguma coisa extraordinária, algo incomum. Claro que, nas categorias bíblicas, isso significava que o povo de Israel, que havia sido chamado para a santidade, havia sido chamado para viver de acordo com um novo padrão, modelo ou maneira de viver diferente daquela que era lugar comum no mundo. Em outras palavras, este era um chamado para a piedade, para uma forma diferente de viver.

A primeira coisa que temos que compreender quando atentamos para a afirmação de que *a igreja é santa* é que a igreja tem uma vocação santa, um santo chamado. A igreja foi separada de todas as outras instituições, e o povo de Deus foi separado deste mundo para uma missão específica. Eles devem espelhar e refletir o caráter de Deus. Isso significa que, se somos parte da igreja invisível, fomos chamados para ser um povo peregrino. É por essa razão que a Bíblia enfatiza que somos viajantes, peregrinos e forasteiros neste mundo.

Além disso, há outro sentido em que a igreja é chamada santa. A igreja é chamada santa por causa de seus membros que devem ser pessoas habitadas por Deus Espírito Santo. Todos quantos são habitação do Espírito Santo são considerados santos, ou separados aos olhos de Deus. A igreja é a instituição que Deus criou visivelmente onde ele se agradou em fazer seu Espírito habitar. Mantenha em mente que o Espírito Santo não é o único espírito que encontramos em meio à igreja visível. Também encontramos espíritos

malignos e precisamos testar os espíritos. Mas a igreja é santa enquanto o Espírito Santo estiver presente e atuando nas vidas das pessoas que estão nela. É por isso que Paulo pode olhar para pecadores e tratá-los como santos. Neles e por eles próprios eles continuam pecadores, mas se foram regenerados pelo Espírito Santo, nascidos do Espírito e habitados pelo Espírito Santo, agora eles são *hagioi* , os "santos", aqueles que estão no processo de ser santificados.

Em resposta a isso, nós ouvimos pessoas dizendo que a igreja não é santa, mas está cheia de hipócritas. A resposta deveria ser, "E sempre tem lugar para mais um". Nenhum de nós na igreja jamais estará capacitado para viver perfeitamente as coisas que professamos acreditar. Os crentes que são chamados santos são uma sociedade de pecadores que estão no processo de serem santificados. Nós somos obra de Cristo. Cristo está nos moldando e está moldando sua igreja. Ele a está moldando na forma da santidade. Assim como individualmente não seremos perfeitamente santificados até que cheguemos ao céu, igualmente a igreja não será perfeitamente santificada até que a igreja seja glorificada.

Temos visto que a Bíblia se refere à igreja como a "noiva de Cristo". Um dia veremos esta noiva em seu vestido imaculado e de tirar o fôlego. Mas, neste momento, o vestido da noiva está desfigurado. Ele possui defeitos, manchas e amassados. Mas a garantia de Cristo para sua noiva é que ele removerá cada defeito, cada mancha e cada amassado para que, no último dia, ele possa apresentar sua noiva ao Pai em todo esplendor da perfeita santidade.

Neste momento, nós somos uma noiva cujo vestido está amassado e manchado. Imagine uma noiva aparecer no casamento em seu vestido, e você começar a imaginar, "Nossa, ela deve ter largado esse troço num canto do armário nos últimos seis meses; está todo amarrotado." Nenhuma noiva apareceria dessa forma em seu casamento. Se olharmos para o estado em que estamos agora, não temos nada do que nos orgulhar. Nossa santidade está em construção, e está absolutamente garantida em termos do destino da verdadeira igreja. Isso não significa que igrejas como instituições visíveis não pereçam ou não possam se tornar apóstatas. Elas podem, mas estamos falando agora da igreja invisível. Essa é a igreja que é composta dos verdadeiros crentes. Em algum ponto da história, esta igreja demonstrará a plenitude de sua santidade e será fiel à sua vocação visto que é constantemente capacitada e purificada pelo Espírito Santo que nela habita. Essa é uma das razões pelas quais a igreja está sujeita à grande perseguição e a tempos de grande sofrimento. Com este sofrimento vem a limpeza. Essa é uma das maneiras usadas por Deus para efetuar a santificação e a purificação da igreja. De tempos em tempos, Deus se agrada em despertar seu povo, e parece que nós sempre precisamos de um despertamento para nossa vocação e chamado como povo de Deus para que possamos ser santos como ele é santo.

Faça a si mesmo a seguinte pergunta, "Minha igreja é um lugar santo?" Você tavez ria quando eu faço essa pergunta porque pode ser capaz de apontar todas as falhas, erros e pecados que invadem a igreja. Lembre-se, a igreja ainda está poluída, mas ela também é a noiva de Cristo. Santidade não é tanto sobre como a igreja está em um determinado momento, mas sim sobre o que ela ainda será. Nosso propósito no presente é ser um santo que está sendo santificado. Além disso, nós devemos ser aqueles que dependem dos dons e da graça do Espírito Santo para sermos fiéis à vocação que Deus deu à igreja.

Capítulo Seis

A Igreja Universal

A gora que já consideramos a unidade e a santidade da igreja, podemos prosseguir para o terceiro ponto descritivo da igreja do Credo Niceno — a igreja é *católica* . É importante lembrar que a palavra *católico* não se refere à Igreja Católica Romana. O termo *católico* significa *universal* , ou para todos os tempos e em todos os lugares. A ideia é que a igreja de Jesus Cristo não é um corpo paroquial encontrado em uma cidade em particular, ou somente entre um povo reunido em uma localidade geográfica específica. Não é algo que se limita por fronteiras nacionais. Ao invés disso, a igreja de Cristo é algo que pode ser encontrado por todo o mundo e é formado por pessoas de todas as línguas, tribos e nações.

Pouco tempo atrás, eu falei a uma pequena igreja na Flórida. Havia em torno de cento e cinquenta pessoas na congregação naquela manhã. Eu fiz um comentário antes de começar a pregar de que esperava que eles me perdoassem por estar nervoso em falar ali, mas que eu sempre ficava nervoso quando pregava na frente de milhões de pessoas. Eles riram e olharam em volta para ver se havia algum programa de rádio sendo feito ou uma câmera de televisão para transmitir a pregação além dos limites da pequena igreja. Eu lhes assegurei que estava falando sério e voltei sua atenção para uma passagem do livro de Hebreus. O autor escreve o seguinte:

Ora, não tendes chegado ao fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao clangor da trombeta, e ao som de palavras tais, que quantos o ouviram suplicaram que não se lhes falasse mais, pois já não suportavam o que lhes era ordenado: Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado. Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo! Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel (Hebreus 12.18-24).

O autor de Hebreus está falando aqui da igreja e da experiência da igreja universal. Ele nos lembra da nova situação que passou a existir com o triunfo de Cristo e de que as coisas mudaram desde os dias do Antigo Testamento. Ele afirma que você não sobe àquela montanha que estava coberta com trevas, raios e trovões, que era um lugar de terrível terror. (Isso descreve a ocasião em que Deus veio dos céus para o Monte Sinai e deu as tábuas de pedra, a lei, a Moisés). O autor diz que não é isso que estamos fazendo quando vamos à igreja. Agora, quando vamos à igreja, estamos entrando no próprio céu, para onde Cristo foi em sua ascensão. Como nosso sumo sacerdote, ele entrou no santuário celestial de uma vez por todas e rasgou o véu da separação que proibia o acesso para nós à presença imediata de Deus. De acordo com esee texto, agora nos foi dado acesso ao próprio céu.

Deus está em todo lugar, ele não está apenas dentro de um prédio da igreja. Nós sabemos que não podemos restringir sua presença, mas há um significado simbólico importante na porta de uma igreja. Quando entramos naquele prédio, espiritualmente falando, adentramos o lugar onde o povo de Deus está reunido para oferecer adoração e sacrifícios de louvor a ele. A igreja é terra santa. É o lugar sagrado onde o povo de Deus se reúne para a sagrada tarefa da adoração.

O Novo Testamento diz que quando adoramos juntos, não estamos adorando apenas em uma assembleia de cento e cinquenta pessoas, mas que nossa adoração é elevada ao céu. Paulo nos adverte de nosso comportamento durante a assembleia porque os anjos estão observando e participando. Além disso, o autor de Hebreus nos diz que estamos rodeados por uma nuvem de testemunhas — os santos que passaram antes de nós.

Então, quem está em nossa congregação no domingo pela manhã? No último domingo eu estava na igreja, e adivinha quem apareceu? Abel, Noé, Abraão e Isaque estavam lá, além de Davi, Débora, Josué, Isaías, Jeremias, Ester, Amós, Lia, Oséias, Joel, Ezequiel, Ana e Daniel também apareceram. Paulo e Pedro estavam lá, assim como Estevão, Maria, Barnabé e Lucas, o grande médico. Timóteo veio à igreja, junto de Tito e Tiago. Então eu olhei em volta, e adivinha quem mais estava lá? Eu não podia acreditar. Atanásio, Agostinho, Martinho e Catarina Lutero, João e Idelette Calvino, Jonathan e Sarah Edwards, além de B. B. Warfield. Todos os santos que já entraram no descanso são parte da assembleia celestial. Quando a igreja se reúne, não importa quão pequena seja, não importa quão remoto o lugar onde esteja — é a igreja católica.

E não somente isso, mas ao nos reunirmos na igreja estamos desfrutando daquilo que o Credo Apostólico chama de *communio sanctorum* — a comunhão dos santos. Não se trata apenas dos santos que vieram antes de nós e estão no céu — a igreja triunfante — mas dos santos que ainda estão aqui na igreja militante: os santos da República Tcheca, os santos da Hungria, da Romênia, da China, do Brasil, do Quênia, da Inglaterra e de todo o mundo. Nós nos juntamos em uma comunhão da igreja católica. Como isso pode acontecer? É muito simples. É a união mística de Cristo e sua noiva. Todos quantos fazem parte da noiva de Cristo estão em Cristo Jesus. Onde quer que Cristo esteja, lá está sua igreja.

Lembremo-nos do livro de Hebreus novamente:

Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel (Hebreus 12.22-24).

A coisa mais maravilhosa a respeito da igreja em adoração é que a igreja está na presença de Cristo. Cristo vem até sua noiva, e toda vez que a noiva se reúne, o noivo está lá. É por isso que você nunca quer perder um culto. É por isso que você nunca quer abandonar a reunião dos santos. Se eu distribuísse um boletim de notícias que dissesse, "Adivinhe quem estará na igreja no próximo domingo? O próprio Jesus está vindo!" Que compromissos você não cancelaria para estar lá?

Capítulo Sete

Fundamentada nos Apóstolos

Q ual é o fundamento da igreja? Nós cantamos aquele hino, "Da igreja o fundamento é Cristo o Salvador." Algumas vezes as palavras dos hinos são conduítes para desinformação. Jesus é parte do fundamento, certamente, mas em termos da metáfora da construção, podemos ser mais precisos. Ele não é apenas o fundamento, mas é chamado de pedra angular da igreja. Todo o fundamento é alicerçado nele, como a pedra angular.

Mas qual é o fundamento? O fundamento, de acordo com o Novo Testamento, são os apóstolos e os profetas. Lembre-se de Cesareia de Filipe quando Pedro fez sua grande confissão após Jesus perguntar, "Mas vós quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16.15-18). A igreja que Cristo estabeleceu não é construída sobre um fundamento de areia, mas sim sobre a rocha, e a rocha sobre a qual ela é construída, de acordo com a imagem do Novo Testamento é a rocha da Palavra profética e apostólica — os escritos bíblicos.

Considere o livro de Apocalipse. Nele nós lemos sobre a visão no capítulo 21 da aparência da Nova Jerusalém, a cidade celestial que desce do alto. Vemos que ela é descrita em termos magníficos. Em 21.14, lemos o seguinte, "A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro" (Apocalipse 21.14). Mesmo a Nova Jerusalém, é baseada sobre o fundamento dos Apóstolos.

Qual a importância disso? Penso que o atributo da igreja mais seriamente sob ataque em nossos dias é a apostolicidade, porque tem havido uma rejeição em larga escala dentro da igreja da autoridade das Sagradas Escrituras. Isso é rebelião contra o próprio fundamento da igreja. Você pode rejeitar o ensino de Paulo, discordar do ensino de João, e você pode até não crer na integridade da sagrada Escritura, mas eu insisto com você neste ponto para que não tente roubar a igreja de Cristo e construí-la sobre qualquer outro fundamento. Por que não ter a integridade de dizer, "Eu rejeito o cristianismo" ao invés de tentar construir uma versão nova e melhorada dele sobre outro fundamento?

O que significa ser apostólico? Para responder a essa pergunta, precisamos voltar ao início e fazer a seguinte pergunta, "O que é um apóstolo?" O termo *apóstolo* vem da palavra grega *apostolos* , que significa "aquele que foi enviado". Apóstolos são enviados por alguém para algum lugar. Na cultura grega, um *apostolos* era alguém que era um mensageiro, embaixador ou emissário. O *apostolos* estava autorizado pelo rei para representá-lo em sua ausência.

Visto que um apóstolo era aquele enviado por alguém e que possuía autoridade delegada, o supremo apóstolo do Novo Testamento é o próprio Jesus. Ele foi enviado pelo Pai ao mundo, e ele disse quando veio, "Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar" (João 12.49). Ele também disse, "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mateus 28.18).

Neste sentido, o segundo apóstolo no Novo Testamento não é algum dos discípulos (embora alguns deles também fossem apóstolos), mas sim o Espírito Santo. Jesus disse, "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós" (João 14.16–17).

Nos primeiros séculos da expansão do cristianismo, a maior ameaça ao cristianismo bíblico veio de uma heresia chamada gnosticismo. Os gnósticos (da palavra grega *gnosis*) eram aquelas pessoas que reivindicavam ter um conhecimento especial. Elas reivindicavam ser os *gnostikoi* , aqueles no conhecimento, e faziam esforços conscientes para suplantar a autoridade dos apóstolos bíblicos. Eles argumentavam que seu conhecimento era mais elevado e superior ao conhecimento proclamado pelos apóstolos de Jesus, e escreveram uma imensa quantidade de literatura para desenvolver sua reivindicação de superioridade.

Um dos campeões da fé cristã naqueles dias era um teólogo chamado Irineu. Irineu era um apologista do cristianismo. Uma de suas obras mais importantes foi intitulada *Contra as Heresias* . A principal heresia que ele tratou foi o gnosticismo. Em sua refutação dos gnósticos, Irineu usou uma linha de raciocínio que ainda é importante para nós atualmente. Esta linha de raciocínio trabalhou com o significado fundamental do termo *apóstolo* . Novamente, a palavra *ap ostolos* significa, literalmente, "aquele que é enviado ou aquele que devidamente recebe autoridade constituída para representar o que o enviou". Irineu disse que os gnósticos não apenas rejeitavam a autoridade dos apóstolos, mas, com uma lógica irrefutável, que também rejeitavam a autoridade de Cristo e a autoridade de Deus.

Como ele chegou a essa conclusão? Foi da seguinte maneira: ao rejeitar os apóstolos, aqueles que foram enviados por Cristo e comissionados pela autoridade de Cristo, eles estavam rejeitando a autoridade dAquele que os comissionou. Se eles estavam rejeitando a autoridade daquele que enviou os Apóstolos bíblicos, ou seja, o próprio Cristo, então eles também estavam rejeitando a autoridade daquele que comissionou Cristo a vir ao mundo, a saber, Deus o Pai. Em sua análise final, Irineu disse que os gnósticos eram ateus e seu ataque contra os apóstolos reduzia-se a um ataque contra o próprio Deus, visto que há uma hierarquia de comissionamento, do Pai para o Filho e para os apóstolos.

O conceito de tradição apostólica é de vital importância para a Bíblia. Esta tradição não é algum conteúdo não escrito transmitido oralmente como afirmado por tradições cristãs não-protestantes, mas sim o próprio Novo Testamento. É a tradição apostólica que a igreja não inventou, mas pelo contrário, recebeu. Ela a recebeu dos apóstolos, que a receberam de Cristo e de seu Espírito Santo, que a receberam de Deus. É por essa razão que a rejeição do ensino dos apóstolos é uma rejeição à própria autoridade de Deus.

Capítulo Oito

Servos do Senhor

A palavra *igreja* no inglês, *church* , vem da palavra grega *kuriake* , que é uma forma do substantivo *kuriakos* e significa aquilo que é de propriedade ou possuído pelo *kurios* .

Então, o que *kurios* significa? Esta á uma palavra importante no Novo Testamento porque é a palavra grega para "Senhor", e essa é a palavra do Novo Testamento que traduz o nome da aliança do Antigo Testamento de Deus – Yahweh – e o título hebraico *adonai* . Quando o salmista diz, "Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!" (Salmos 8.1), ele está dizendo "Ó *Yahweh* , *Adonai* nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!" Quando a tradução grega do Antigo Testamento trabalhou com o termo *Adonai* , que significa "o soberano", ela o traduziu utilizando a palavra *kurios* .

Kurios é usado de três formas diferentes no Novo Testamento. De maneira simplificada, o termo *kurios* é a forma educada de se dirigir a alguém, algo parecido com a nossa palavra *senhor* . Mas o uso mais elevado e mais exaltado do termo *kurios* é o que chamamos do seu uso imperial, e este é o título que atribui soberania absoluta àquele que é *kurios* . Paulo usou esta forma da palavra em Filipenses 2.10-11, onde ele escreve que "se dobre todo joelho e toda língua confesse que Jesus Cristo é *kurios* ", isto é, "Senhor".

Por mais importante que o título seja para Cristo no Novo Testamento, eu quero que você observe como ele se relaciona à nossa compreensão da igreja. Outro significado da palavra *kurios* refere-se ao homem na cultura da Grécia antiga que era rico o suficiente para possuir escravos. O homem que possuía escravos era chamado de *kurios,* e aqueles que eram escravos de um *kurios* haviam sido comprados pelo *kurios* .

Eu reforço essa ideia pela seguinte razão: *kuriakē* é o fundamento etimológico da palavra inglesa *church* [igreja]. Em seu significado original, ela se referia às pessoas que eram de propriedade de um *kurios* , que eram de propriedade e possuídas por um senhor. No Novo Testamento, encontramos esta figura sendo usada frequentemente no que diz respeito ao relacionamento entre crentes — individualmente e corporativamente — e Cristo. Paulo, por exemplo, chama a si mesmo de *doulos* , ou *escravo* . Ele usa esta metáfora de alguém que foi comprado. Ele a aplica não somente a si próprio, mas também a todo o povo de Deus quando diz, "Acaso, não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo" (1 Coríntios 6.19–20). Nós somos posse de Deus porque ele nos redimiu.

O Novo Testamento frequentemente fala sobre os cristãos como sendo pessoas que estão em Cristo Jesus. Quando o evangelismo acontece, o chamado às pessoas não é para que simplesmente creiam *em* Jesus, mas que creiam estando *dentro* dele. A palavra grega nesse caso é *eis* , que significa "dentro". *Eis* e seu significado podem ser ilustrados da seguinte maneira: se eu estou fora da cidade, primeiro eu tenho que me mover para a cidade através dos portões da cidade antes que eu possa estar dentro da cidade. Esta é a ideia que encontramos no Novo Testamento quando somos chamados a crer em Cristo. E quando realmente temos fé autêntica, nós estamos em Cristo Jesus, e ele está em nós. Esta é a união mística do crente e Cristo.

Agora, se eu tenho uma união mística com Cristo, e você tem uma união mística com Cristo, isso significa que nós temos uma comunhão particular, uma co-comunhão em Cristo. Isso tem toda sorte de implicações práticas no Novo Testamento. Por exemplo, Paulo nos diz que o espírito pelo qual nós devemos nos relacionar uns com os outros na igreja é o espírito de amor que cobre multidão de pecados. Além disso, somos chamados a respeitar a liberdade cristã uns dos outros no Senhor. Devemos nos abster de julgamentos severos uns contra os outros. Devemos sempre nos lembrar de que estamos nos relacionando com pessoas que foram compradas por Cristo.

A fim de ter este tipo de atitude para com o povo de Deus e para com a igreja enquanto instituição, precisamos olhar além das pessoas que estão nos afligindo e constantemente nos causando problemas, e olhar para Aquele a quem a igreja pertence. Se eu sou membro de um grupo de servos e tenho um conflito com os servos, o conflito nunca deve me levar a falar contra o dono dos servos. Todos nós somos servos do mesmo Senhor.

O mandamento mais difícil e mais radical de Jesus é o mandamento para amar nossos inimigos. Não consigo pensar em nada mais antinatural. Se alguém é nosso inimigo, a última coisa que queremos fazer é promover o seu bem-estar e lhe fazer bem. E ainda assim, nosso Senhor disse que isso é nossa obrigação. Precisamos fazer o bem àqueles que maldosamente nos usam e nos perseguem. Nós temos que ouvir isso vez após vez, porque orar pelo bem daqueles que estão em inimizade conosco é estranho à nossa natureza humana básica. E ainda assim, nós temos o exemplo supremo de Jesus, que entregou sua vida pelas próprias pessoas que o desprezaram até a morte. Eu não penso que seja possível amar nossos inimigos naturalmente. A única forma na qual podemos ter esperança de fazê-lo é pela graça e ao olharmos para além do inimigo, para Cristo. Nós devemos amar nossos inimigos por causa de Cristo.

Embora nossos companheiros cristãos não possam, em última análise, ser nossos inimigos, ainda assim podemos aplicar o ensino de Jesus à vida da igreja. Se devemos amar até mesmo nossos inimigos, quanto mais amor não devemos a todos aqueles no corpo de Cristo?

Capítulo Nove

As Marcas de uma Igreja Verdadeira

Q uando uma igreja não é uma igreja? Frequentemente recebo cartas de pessoas que derramam sua alma e dizem: “Estou muito infeliz na minha igreja. Não estou feliz com o que é pregado ou com as atividades que acontecem na igreja”. Esta é uma questão muito séria. Ela foi fundamental no século dezesseis, na época da Reforma, quando vimos a maior fragmentação da igreja visível que já ocorreu. Depois que os reformadores protestantes romperam com Roma, surgiram todos os tipos de grupos divergentes. Eles tinham crenças diferentes, confissões diferentes, formas de governo diferente e liturgias diferentes. Todos eles reivindicavam ser uma igreja cristã, e muitos desses reivindicavam ser a única igreja verdadeira. Nesse contexto, o povo daquela época começou a questionar: “Como podemos saber? Quais são as marcas de uma igreja autêntica”? Os reformadores lutaram com essa questão, visto que Roma não reconhecia as igrejas protestantes como autênticas. Roma disse no passado que a igreja pode ser definida da seguinte maneira: "Onde o bispo se encontra, ali há uma igreja, e se não houver autorização de um bispo romano, então quaisquer associações que surjam não são igrejas válidas". Os reformadores protestantes tomaram uma posição diferente nesta matéria. Eles buscavam isolar e delinear as marcas de uma igreja válida e acabaram concordando em três características distintivas. Primeiro, eles diziam que uma igreja é uma igreja verdadeira quando *o evangelho é pregado com fidelidade* . Segundo, uma igreja verdadeira é aquela onde *os sacramentos são corretamente administrados* . E terceiro, eles diziam que uma igreja verdadeira *pratica a autêntica disciplina de seu povo* . Um corolário do terceiro ponto é o governo eclesiástico, que existe para nutrir e disciplinar o povo. De todos os diferentes elementos que constituem uma igreja, estes são os três inegociáveis que os reformadores elegeram como as marcas essenciais de uma igreja verdadeira. Consideremos estas marcas em maiores detalhes:

1) *Onde o evangelho é proclamado fielmente* . O que os reformadores quiseram dizer com isso não foi simplesmente o anúncio das boas-novas da morte e expiação de Jesus, mas sim a proclamação fiel das verdades essenciais do cristianismo. Se uma igreja negasse um aspecto essencial da fé cristã, aquela instituição não mais poderia ser considerada uma igreja. O protestantismo histórico, por exemplo, não reconhece o mormonismo como uma autêntica igreja cristã, porque a fé mórmon nega a eterna deidade de Cristo.

2) *Onde os sacramentos são administrados* . De acordo com os reformadores, se não há sacramentos — a ceia do Senhor e batismo — não é uma igreja. Isto se torna significativamente importante hoje porque temos grupos paraeclesiásticos como Alvo da Mocidade, Cruzada Estudantil, e InterVarsity que diariamente estão engajados em vários elementos do ministério cristão. Seu chamado é para trabalhar ao lado da igreja. O Ministério Ligonier também pode ser chamado de um ministério paraeclesiástico. Somos uma instituição educacional e não somos uma igreja. O Ministério Ligonier não administra os sacramentos. Não temos um rol de membresia por meio do qual impomos disciplina às pessoas que são parte do Ligonier. Esta não é nossa função. Fomos chamados para apoiar a igreja na área de ensino, mas temos um foco bastante restrito a esta questão e não alegamos ser uma igreja. Ninguém é membro do Ligonier neste sentido. Nós não batizamos pessoas e nem fazemos com que elas entrem em uma igreja Ligonier, porque nem existe uma. A administração dos sacramentos é uma tarefa da igreja.

3) *Disciplina na igreja* . Temos visto ao longo da história da igreja que o tema da disciplina tem sido um tanto variado. Houve épocas em que a disciplina na igreja se manifestou de formas muito duras. Durante o século dezesseis houve feroz perseguição não somente da Igreja Católica Romana contra os protestantes, mas também dos protestantes contra os católicos. Sabemos que as pessoas estavam sujeitas a torturas e todo tipo de punição como forma de disciplina na igreja. De nosso ponto de vista privilegiado do século vinte e um, isso tudo parece cruel, inusitado e bárbaro. Talvez seja mesmo, mas eu quero que vocês compreendam o seguinte: os líderes da igreja no século dezesseis realmente acreditavam no inferno. Eles acreditavam que não havia destino pior que pudesse recair sobre um ser humano do que ser lançado no inferno. A igreja realmente acreditava que era justificável usar quase que quaisquer meios necessários para repreender e disciplinar seus membros, a fim de mantê-los longe das garras do inferno. Se fossem necessários uma câmara de tortura, um potro de madeira e até mesmo a ameaça de ser queimado vivo em uma estaca para resgatar uma pessoa das garras do inferno, isso seria considerado legítimo. Eu não estou defendendo essas práticas, mas estou tentando fazer com que entendamos a mentalidade das pessoas no século dezesseis que levavam o inferno a sério. Atualmente, parece que nós temos uma atitude de não achar necessário disciplinar as pessoas de forma alguma porque não faz diferença. Isto pode ser porque muitas pessoas não acreditam na ameaça do julgamento divino.

O pêndulo tende a balançar para as extremidades na história da igreja no que diz respeito à disciplina. Algumas vezes a igreja se envolve em formas duras e severas de disciplina. Em outras ocasiões, a igreja é marcada por uma extraordinária forma de latitudinarismo. Que é quando nenhuma disciplina é imposta sobre o povo. Alguns anos atrás, uma das principais denominações dos Estados Unidos da America enfrentou uma controvérsia na igreja quando um grupo de pastores e eruditos publicou um documento no qual eles redefiniam completamente a ética sexual cristã de um homem e uma mulher pela vida toda no casamento. Este relatório foi introduzido como regra para a igreja em meio a muita oposição daqueles que eram mais ortodoxos. Um confronto ocorreu na assembleia anual desta denominação e, quando houve a votação, a proposta foi derrotada.

Mas o que aconteceu depois talvez tenha sido ainda mais estranho. Embora a igreja não tenha aceitado aquela posição em particular sobre comportamento sexual, ela também não censurou ou disciplinou aqueles que advogaram por esta posição. Na prática, a igreja estava dizendo, “Essa não é nossa posição oficial, mas se você quiser ser um ministro em nossa denominação e defender e ensinar estas coisas, não iremos fazer nada a respeito.” Houve uma falha na disciplina neste ponto. Isso acontece o tempo todo na igreja contemporânea.

Isto também levanta uma pergunta. Se a igreja falha de forma significativa em disciplinar seus membros no que diz respeito aos pecados grosseiros, abomináveis e escandalosos, será que essa instituição ainda pode ser chamada de igreja? Quando é que a igreja se torna apóstata? Essa não é uma pergunta fácil de responder, porque é muito raro na história da igreja que uma instituição admita não crer na expiação de Cristo ou na deidade de Cristo ou em outras verdades essenciais. Nem sempre dá para fazer um corte muito claro. Muitas vezes, a igreja trata com leviandade as verdades essenciais da fé cristã.

Neste ponto, fazemos uma distinção entre a apostasia *de facto* e a apostasia *de jure* , entre a apostasia *formal* e a apostasia *material* . Apostasia formal é quando a igreja clara e inequivocamente nega uma verdade essencial da fé cristã. A apostasia *de facto* é uma apostasia em nível material ou prático, em que os credos permanecem intactos, mas a igreja não mais crê neles. A igreja mina os próprios credos nos quais ela diz acreditar.

Isso nos leva a uma aplicação prática. Quando alguém deveria deixar sua igreja e procurar outra? Em primeiro lugar, eu diria que esta não é uma decisão que alguém deveria tomar levianamente. É um assunto muito importante. Quase sempre, quando nos juntamos a uma igreja, nós o fazemos com um voto solene diante de Deus. Remover alguém de um grupo diante do qual ele fez um voto sagrado requer razões muito sérias. Precisa estar justificado em bases sólidas.

Hoje em dia, as pessoas vão de uma igreja à outra sem pensar duas vezes. Quando deixamos uma igreja por razões bobas como as cores das paredes ou um comentário ofensivo, falhamos em enxergar a natureza sagrada da própria igreja.

Não deveríamos sair quando não existe uma razão justa. Precisamos honrar nosso comprometimento com uma igreja o melhor que pudermos pelo maior tempo possível, a não ser que não sejamos capazes de sermos nutridos e nutrirmos os outros como um cristão ali. Quando a igreja se torna apóstata, o cristão precisa ir embora. Você pode achar que deve permanecer dentro da igreja e trabalhar pela sua mudança e recuperação, mas, se a igreja é de fato apóstata, você não tem permissão para estar lá. Considere a disputa entre os profetas de Baal e Elias no Monte Carmelo. Depois de Deus ter mostrado seu poder sobre Baal, você pode imaginar alguém dizendo, "Bem, eu vejo agora que Iavé é Deus, mas vou ficar por aqui mesmo na casa de Baal como sal e luz e tentar trabalhar por sua reforma"? Nós não temos permissão para fazer isso. Se a instituição onde estamos comete apostasia, é nossa obrigação abandoná-la.

Não importa o que aconteça, devemos sempre olhar cuidadosamente para as marcas da igreja. O evangelho é pregado? Os sacramentos são corretamente administrados? Existe uma forma bíblica de governo eclesiástico e disciplina? Se essas três coisas estão presentes, então você não deve sair. Você deve trabalhar para ser uma parte edificante daquela seção do corpo de Cristo.

Nestes poucos capítulos nós pudemos vislumbrar a natureza e escopo da noiva de Deus, a igreja de Jesus Cristo. Somente quando compreendemos nosso verdadeiro propósito é que a igreja brilhará em toda a sua beleza. Unidos na verdade conforme nos apegamos à fé apostólica, declararemos e demonstraremos a um mundo sempre nos observando que nosso Deus trino é digno de ser adorado e servido. Como aqueles que foram chamados pelo Pai, essa é nossa maior alegria. Isto é a igreja: um povo de sua propriedade exclusiva que vive unido para glorificá-lo.

Sobre o Autor

Dr. R. C. Sproul é fundador e presidente do Ministério Ligonier, um ministério internacional de educação cristã localizado em Sanford, Califórnia. Ele também serve como pastor auxiliar na Saint Andrew's Chapel (Capela de Saint Andrew), uma congregação reformada em Sanford, e como presidente da Reformation Bible College (Faculdade Bíblica Reformada). Seu ensino pode ser ouvido por todo o mundo no programa diário de rádio *Renewing Your Mind* (Renovando Sua Mente).

Durante sua notável carreira acadêmica, Dr. Sproul ajudou a treinar homens para o ministério como professor em diversos seminários teológicos.

Ele é autor de mais de oitenta livros, incluindo *The Holiness of God* (A Santidade de Deus), *Chosen by God* (Escolhidos por Deus), *The Invisible Hand* (A Mão Invisível), *Faith Alone* (Fé Somente), A Taste of Heaven (Uma Prova do Céu), *Truths We Confess* (Verdades que Confessamos), *The Truth of the Cross* (A Verdade da Cruz), e *The Prayer of the Lord* (A Oração do Senhor). Ele também serviu como editor geral da *The Reformation Study Bible* (A Bíblia de Estudos Reformada) e escreveu diversos livros infantis, incluindo *The Prince's Poison Cup* (A Xícara de Veneno do Príncipe).

Dr. Sproul e sua esposa Vesta vivem em Longwood, Flórida.

A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.editorafiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel